

AMAI OS VOSSOS INIMIGOS

Pagar o mal com o bem
Os inimigos desencarnados
Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra
Instruções dos Espíritos: A vingança • O ódio • O duelo.

PAGAR O MAL COM O BEM

1. *Aprendestes o que foi dito: Amareis vosso próximo e odiareis vossos inimigos. E eu vos digo: Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai por aqueles que vos perseguem e vos caluniam; a fim de que sejais filhos de vosso Pai que está nos Céus, que faz erguer o Sol sobre os bons e os maus e faz chover sobre os justos e os injustos. Pois, se amais apenas os que vos amam, que recompensa tereis? Os publicanos também não fazem isso? E se vós apenas cumprimentais vossos irmãos, o que fazeis mais do que os outros? Os pagãos também não fazem o mesmo? Eu vos digo que, se vossa justiça não for maior do que a dos escribas e dos fariseus, jamais entrareis no reino dos Céus. (Mateus, 5:5 a 20, 43 a 47)*

2. *Se amardes apenas os que vos amam, que recompensa tereis, uma vez que as pessoas de má vida também amam aqueles que as amam? E se vós fazeis o bem apenas aos que vos fazem, que recompensa tereis, uma vez que as pessoas de má vida fazem a mesma coisa? E se vós emprestais apenas àqueles de quem esperais receber a mesma graça, que recompensa tereis, uma vez que as pessoas de má vida também se emprestam mutuamente para receber a mesma vantagem?*

Quanto a vós, amai os vossos inimigos, fazei o bem a todos e emprestai sem nada esperar e então vossa recompensa será bem maior e sereis os filhos do Altíssimo, pois Ele é bom com os ingratos e até mesmo com os maus. Sede, pois, misericordiosos, como vosso Pai o é. (Lucas, 6:32 a 36)

3 Se o amor ao próximo é o princípio da caridade, amar aos inimigos é a sua aplicação máxima, pois esta virtude é uma das maiores vitórias alcançadas sobre o egoísmo e o orgulho.

Entretanto, o sentido da palavra amar, utilizada neste ensinamento, pode não ser corretamente entendida. Jesus não quis dizer com estas palavras que devemos ter pelo inimigo a ternura que temos por

um irmão ou por um amigo. A ternura dá a entender confiança e não podemos confiar naquele que sabemos que nos quer mal. Não podemos ter para com ele as mesmas demonstrações de amizade, pois sabemos que ele é capaz de abusar disso. Entre as pessoas que desconfiam umas das outras não poderá haver os mesmos laços de simpatia que existem entre aqueles que têm a mesma maneira de pensar. Quando encontramos um inimigo, não podemos ter, para com ele, a mesma alegria que sentimos quando encontramos um amigo.

Este sentimento resulta de uma lei física: a da assimilação e da repulsão dos fluidos. O pensamento maldoso carrega em si mesmo uma corrente fluidica que causa má influência. O pensamento benevolente nos envolve com uma agradável impressão; daí a diferença de sensações que experimentamos ao nos aproximar de um amigo ou de um inimigo. Amar aos inimigos não pode significar, portanto, que não devamos diferenciá-los dos amigos. Este ensinamento só nos parece difícil, até mesmo impossível de ser praticado, porque acreditamos que ele manda dar a uns e a outros o mesmo lugar no coração, quando não é isso. Se a pobreza das línguas humanas obriga a nos servirmos de uma mesma palavra para expressar diversas formas de sentimentos, a razão nos diz que de acordo com o caso devemos diferenciar os seus significados.

Amar aos inimigos não é ter para com eles uma afeição forçada, que não é natural, já que o contato com um inimigo faz bater o coração de uma maneira totalmente diferente. Amar aos inimigos segundo este ensinamento de Jesus é não ter contra eles nem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança. É perdoar-lhes, *sem pensamento oculto e sem impor condições*, o mal que nos fazem. É não colocar nenhum obstáculo à reconciliação. É desejar-lhes o bem no lugar do mal. É alegrar-se pelo bem que lhes aconteça ao invés de se entristecer. É socorrê-los em caso de necessidade. É não fazer nada que possa prejudicá-los *em palavras ou em atos*. É, enfim, pagar-lhes todo mal com o bem, *sem intenção de os humilhar*. Quem fizer isto, estará seguindo o mandamento: *Amai aos vossos inimigos*.

4 Amar aos inimigos é um absurdo para o incrédulo. Aquele para quem a vida presente é tudo vê apenas em seu inimigo um ser nocivo e perturbador de sua tranquilidade e do qual somente a morte, pensa ele, o pode livrar. Daí, o desejo de vingança. Ele só terá motivo para perdoar se for para satisfazer seu orgulho aos olhos do mundo. O próprio ato de perdoar, em certos casos, parece-lhe uma fraqueza indigna de si. Se não se vingar, nem por isso deixará de guardar rancor e um secreto desejo de fazer o mal.

Para aquele que crê e, especialmente, para o espírita, a maneira de ver é completamente diferente, pois observa as coisas com as vistas do passado e sobre o futuro, e percebe que a vida presente não

passa de um momento. Ele sabe que pela própria destinação da Terra é natural encontrar nela homens maus e perversos; que as maldades das quais é vítima fazem parte de provas que deve passar, e essa noção mais esclarecida que tem o faz ver os problemas da vida de forma menos cruel, venham eles dos homens ou das coisas. *E se ele não reclama das provas, não deve reclamar contra aqueles que dela são os instrumentos. Se, ao invés de se lamentar, agradecer a Deus por pô-lo à prova, deve agradecer a mão que lhe fornece a ocasião de mostrar sua paciência e sua resignação.* Este pensamento o leva a perdoar naturalmente e o faz sentir que, quanto mais generoso for, mais se engrandece aos seus próprios olhos e fica fora do alcance do ódio do seu inimigo.

O homem que ocupa no mundo uma posição de destaque não se ofende com insultos dos seus inferiores. Assim ocorre com aquele que se eleva, no mundo moral, acima da Humanidade material. Ele compreende que o ódio e o rancor o fariam sentir-se desprezível e o rebaixariam. Portanto, para ser superior a seu adversário, é preciso que tenha a alma maior, mais nobre e mais generosa.

OS INIMIGOS DESENCARNADOS

5 O espírita tem ainda outros motivos de indulgência para com os seus inimigos. Primeiramente, sabe que a maldade não é o estado permanente dos homens, mas que é devida a uma imperfeição momentânea e, do mesmo modo que a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau um dia reconhecerá os seus erros e se tornará bom.

Sabe também que a morte apenas o livra da presença material de seu inimigo e que este pode persegui-lo com seu ódio, mesmo após ter deixado a Terra. Sabe que qualquer vingança que faça não atingirá o seu objetivo, ao contrário, ela terá por efeito produzir uma irritação ainda maior, capaz de passar de uma existência à outra. Cobia ao Espiritismo provar, pela experiência e pelas leis que regem as relações do mundo visível com o mundo invisível, que a expressão *extinguir o ódio com sangue* é completamente falsa, pois a verdade é que o sangue realimenta o ódio, mesmo além-túmulo, na erraticidade. O Espiritismo apresenta, em vista disto, um argumento positivo, uma utilidade prática no perdão e no sublime ensinamento do Cristo: *Amai os vossos inimigos.* De fato, não há coração tão perverso que não se deixe tocar pelas boas ações, mesmo a contragosto. Pelas boas ações, elimina-se o motivo da vingança contra um inimigo e pode-se fazer dele um amigo antes e depois da sua morte. Com os maus procedimentos o homem irrita seu inimigo, que então se constitui *em instrumento da justiça de Deus, para punir aquele que não perdoou.*

6 Podemos assim ter inimigos entre os encarnados e os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua maldade

pelas obsessões* e subjugações* às quais tantas pessoas estão sujeitas e que são algumas das várias provas da vida, contribuindo para o adiantamento do homem no globo terrestre e que, por isso, deve aceitá-las com resignação e como conseqüência da natureza inferior do nosso planeta. Se não houvesse homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus ao seu redor. Devemos ter, portanto, indulgência e benevolência para com os inimigos encarnados e desencarnados.

Antigamente, para apaziguar os deuses infernais, depois chamados demônios, mas que não passavam de espíritos maus, sacrificavam-se animais e até pessoas. O Espiritismo vem provar que esses demônios são apenas almas de homens perversos que ainda não se livraram dos instintos materiais, e *que somente se pode pacificá-los sacrificando-se o ódio que possuem, por meio da caridade;* que a caridade não tem apenas o efeito de impedi-los de fazer o mal, mas também de conduzi-los ao caminho do bem e contribuir para sua salvação. É assim que o ensinamento de Jesus: *Amái os vossos inimigos*, não está unicamente limitado ao Planeta Terra e à vida presente, mas inclui também a grande lei de solidariedade e fraternidade universais.

SE ALGUÉM VOS BATER NA FACE DIREITA, APRESENTAI-LHE TAMBÉM A OUTRA

7. *Aprendestes o que foi dito: Olho por olho, dente por dente. E eu vos digo para não resistir ao mal que quiserem vos fazer; mas **se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra.** E se alguém quiser demandar contra vós para tomar vossa túnica, dai-lhe também vosso manto. E se alguém quiser vos obrigar a andar mil passos com ele, andai ainda mais dois mil. Dai àquele que vos pede e não rejeiteis jamais aquele que vos pedir emprestado. (Mateus, 5:38 a 42)*

8 Os preconceitos* do mundo, sobre o que costumamos chamar de questão de honra, provocam esses melindres, nascidos do orgulho e da exaltação da personalidade, que levam o homem a pagar injúria por injúria, golpe por golpe, o que parece ser uma atitude justa para aquele cujo sentido moral não se eleva acima das paixões terrenas. Esta é a razão pela qual a lei de Moisés dizia: "Olho por olho, dente por dente". Lei que estava de acordo com o seu tempo. Mas o Cristo veio e disse: *Pagai o mal com o bem.* E disse ainda: *Não resistais ao mal que quiserem vos fazer; se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe também a outra.* Ao orgulhoso, este ensinamento parece uma covardia, pois ele não entende que há mais coragem em suportar um insulto do que em se vingar, já que a sua noção do que é a vida alcança somente

* N. E. - **Preconceito:** idéia preconcebida. Opinião de separação, de ódio racial, crença, intolerância, etc.

o momento presente. Devemos, então, entender ao pé da letra este ensinamento de Jesus? Não, da mesma maneira que aquele que diz para "arrancar o olho, se este for um motivo de escândalo". Se o ensinamento fosse seguido literalmente, a consequência seria condenar toda ação da lei e deixar o campo livre aos maus, que nada temeriam. Se não colocarmos um freio às suas agressões, logo todos os bons serão suas vítimas. Até o próprio instinto de conservação, que é uma lei da Natureza, diz que não se deve desistir da vida sem luta. Por estas palavras, Jesus não quis proibir a defesa e sim *condenar a vingança*. Ao dizer para oferecer a face quando a outra for batida, quis dizer, de uma outra forma, que não é preciso pagar o mal com o mal; que o homem deve aceitar com humildade tudo o que faz rebaixar seu orgulho; que é mais glorioso para ele ser ferido do que ferir, suportar pacientemente uma injustiça do que cometê-la; que é melhor ser enganado do que enganar, ser arruinado do que arruinar os outros. É ao mesmo tempo a condenação do duelo, que nada mais é do que uma das manifestações do orgulho. Apenas a fé na vida futura e na justiça de Deus, que nunca deixa o mal impune, pode dar a força para suportar-se pacientemente os golpes dados aos nossos interesses e ao nosso amor-próprio. Eis porque dizemos sempre: Elevai vossos olhares; quanto mais vos elevardes pelo pensamento acima da vida material, menos vos magoarão as coisas da Terra.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A VINGANÇA

Jules Olivier - Paris, 1862

9 A vingança é um dos últimos vestígios dos costumes bárbaros que tendem a desaparecer dentre os homens. Ela é, juntamente com o duelo, um dos últimos vestígios desses costumes selvagens que faziam a Humanidade sofrer no início da era cristã. Por isso a vingança é um sinal da inferioridade dos homens que se deixam levar por ela e dos Espíritos que também podem sugerir-la. Portanto, meus amigos, esse sentimento nunca deve fazer vibrar o coração daquele que se diga e proclame espírita. Vingar-se é, bem o sabeis, totalmente contrário ao ensinamento do Cristo: *Perdoai aos vossos inimigos*, e aquele que se recusa a perdoar não é espírita, como também não é cristão. A vingança é um sentimento tão nocivo quanto a falsidade e a baixeza, que são suas companheiras constantes. De fato, todo aquele que se entrega a essa paixão cega e fatal quase nunca se vinga a céu aberto. Se ele é o mais forte, ataca ferozmente aquele a quem chama de inimigo, bastando para isso a simples presença do desafeto para que nele se inflamem a cólera, a paixão e o

ódio. Porém, na maioria das vezes, ele toma uma aparência fingida, disfarçando no fundo de seu coração os maus sentimentos que o animam. Segue caminhos tortuosos, espreita na sombra o inimigo e, sem que ele sequer desconfie, espera o momento mais favorável para, sem correr nenhum risco e sem receio, executar a sua vingança. Ocultando-se, vigia-o sem cessar, prepara-lhe armadilhas odiosas e, na ocasião propícia, derrama-lhe no copo o veneno mortal. Quando seu ódio não vai até a esses extremos, então ataca sua honra e suas afeições. Não recua diante da calúnia e das falsas insinuações que, habilmente semeadas aos quatro ventos, vão aumentando pelo caminho. Desta forma, quando o perseguido se apresenta nos lugares onde aquele sopro envenenado passou, se admira de encontrar rostos frios, onde encontrava antigamente rostos amigos e benevolentes. Fica surpreso quando as mãos, que procuravam a sua, agora se recusam a apertá-la; enfim, fica arrasado quando seus amigos mais caros e mais próximos se desviam e fogem dele. O covarde que se vinga desta maneira é cem vezes mais culpado do que aquele que vai direto a seu inimigo e o insulta de cara limpa.

Parem, portanto, com estes costumes selvagens! Parem com estes costumes de outros tempos! Todo espírito que hoje pretender ainda ter o direito de se vingar será indigno de figurar por mais tempo entre aqueles que tomaram por lema: *Fora da caridade não há salvação!* Recuso-me a aceitar a simples idéia que um membro da grande família espírita possa ceder ao impulso da vingança ao invés de perdoar.

O ÓDIO

Fénelon - Bordeaux, 1861

10 Amai-vos uns aos outros e sereis felizes. Fazei por amar aqueles que vos inspiram indiferença, ódio e desprezo. O Cristo, que deveis ter como modelo, vos deu o exemplo desse devotamento. Missionário do amor, amou até dar seu sangue e a vida. O sacrifício de amar aqueles que vos ofendem e vos perseguem é difícil, mas é, exatamente, o que vos torna superior a eles. Se os odiais como eles vos odeiam, não valeis mais do que eles. Amá-los, esta é a substância que deveis oferecer a Deus no altar de vossos corações; essência de agradável fragrância, cujos perfumes sobem até Ele. Mas, ainda que a lei do amor nos mande amar indistintamente a todos nossos irmãos, ela não nos livra o coração do convívio e da ação dos maus; esta é uma das provas mais difíceis, bem o sei, uma vez que durante minha última existência passei por essa tortura. Mas Deus está presente e pune, nesta vida e na outra, aqueles que falham na lei do amor. Não vos esqueçais, meus queridos filhos, que o amor aproxima-nos de Deus, e o ódio nos afasta d'Ele.

O DUELO

Adolfo, Bispo de Argel - Marmande, 1861

11 Só é verdadeiramente grande aquele que, considerando a vida como uma viagem que o deve levar a um destino certo, faz pouco caso das contrariedades do caminho e dele nunca se desvia. De olhos fixos na meta a que se destina, pouco lhe importa se os obstáculos e os espinhos do caminho podem lhe causar danos, já que eles apenas o roçam sem o ferir e não o impedem de avançar. Arriscar a vida em duelo para se vingar é uma injúria, é recuar diante das provações que tem que passar. É sempre um crime aos olhos de Deus. Se não fôsseis enganados, como sois, pelos vossos preconceitos*, o veríeis como uma coisa ridícula e uma suprema loucura aos olhos dos homens.

É crime o homicídio pelo duelo; até mesmo a vossa legislação o reconhece. Ninguém tem o direito, em nenhum caso, de tirar a vida de seu semelhante. É crime aos olhos de Deus, que vos indica vossa linha de conduta. Neste caso, mais do que em qualquer outro, sois juízes em causa própria. Lembrai-vos de que sereis perdoados conforme o que perdoardes. Pelo perdão vos aproximais da Divindade, pois a clemência é irmã do poder. Enquanto uma gota de sangue correr na Terra pela mão do homem, o verdadeiro reino de Deus não terá chegado, reino de paz e de amor que deverá afastar para sempre de vosso Planeta o rancor, a discórdia e a guerra. Então, a palavra *duelo* existirá em vossa língua apenas como uma lembrança vaga e distante de um passado que não existirá mais, e os homens só admitirão disputar entre si, em competições, a nobre prática do bem.

Santo Agostinho - Paris, 1862

12 O duelo pode, sem dúvida, em alguns casos, ser considerado como uma prova de coragem física, de desprezo pela vida, mas é de forma indiscutível a prova de uma covardia moral semelhante ao suicídio: o suicida não tem a coragem de encarar de frente as contrariedades e aflições da vida, e o duelista não a tem para suportar as ofensas. O Cristo não vos disse que há mais honra e coragem em oferecer a face esquerda àquele que bateu na direita do que em se vingar de uma injúria? Cristo não disse a Pedro no Jardim das Oliveiras: *Coloca a tua espada na bainha, pois aquele que matar pela espada, pela espada morrerá?* Por estas palavras, Jesus não condena o duelo? De fato, meus filhos, que coragem é essa, nascida de um caráter violento, sanguinário e colérico, que reage à primeira ofensa? Onde está, então, a grandeza da alma daquele que, à menor injúria, quer lavá-la em sangue? Mas que ele trema! porque sempre, no fundo de sua consciência, uma voz lhe gritará: "Caim! Caim! Que fizeste de teu irmão?" "Foi necessário sangue para salvar minha honra", dirá ele

a essa voz. Mas ela lhe responderá: “Tu quiseste salvá-la diante dos homens pelos poucos instantes que te restavam a viver na Terra e não pensaste em salvá-la perante Deus!” Pobre tolo! Quanto sangue o Cristo vos pediria por todas as ofensas que Lhe tendes feito! Não somente O machucastes com os espinhos e a lança, não somente O pregastes na cruz infamante, mas ainda em meio à agonia, Ele pôde escutar as zombarias que Lhe foram dirigidas. Que reparação, após tantas ofensas, vos pediu Ele? O último grito do Cordeiro foi uma prece para seus carrascos. Tal como Ele, perdoai e orai por aqueles que vos ofendem.

Amigos, lembrai-vos deste preceito: *Amái-vos uns aos outros*, e, então, ao golpe dado pelo ódio, respondereis com um sorriso, e, à ofensa, com o perdão. Sem dúvida, o mundo se voltará furioso contra vós e vos chamará de covardes. Elevai a cabeça bem ao alto e mostrai que a vossa frente também não receia ser coroada de espinhos a exemplo do Cristo. No entanto, que vossa mão nunca queira ser cúmplice de um homicídio, que permite, digamos, uma falsa aparência de honra, mas que é apenas orgulho e amor-próprio. Ao vos criar, Deus vos deu o direito de vida e de morte uns aos outros? Não! Esse direito somente a Natureza o tem, para se reformar e se reconstruir a si mesma, mas quanto a vós, nem sobre o vosso corpo tendes direitos. Como o suicida, o duelista estará marcado de sangue quando comparecer perante Deus e, tanto sobre um como sobre o outro, a Soberana Justiça atuará em longos e dolorosos sofrimentos. Se Ele ameaçou com sua justiça aquele que dissesse a seu irmão: *És louco*, quanto mais não será severa a pena para aquele que se apresentar diante d’Ele com as mãos manchadas do sangue de seu irmão!

Um Espírito Protetor - Bordeaux, 1861

13 O duelo, que antigamente se chamava de julgamento de Deus, é um desses costumes bárbaros que ainda têm vestígios na sociedade. O que diríeis vós, entretanto, se vísseis mergulhados os dois adversários em água fervente ou submetidos ao contato do ferro em brasa, para decidirem entre si a disputa, e dar razão àquele que suportasse melhor a prova? Vós chamaríeis a esses costumes de insensatos. O duelo é ainda pior que tudo isso. Para o duelista habilitado, perito na arte, é um assassinato praticado a sangue frio, com toda ação planejada; pois ele está certo do golpe preciso que dará. Para o adversário, quase certo de morrer em razão de sua fraqueza e de sua inabilidade, é um suicídio cometido com a mais fria reflexão. Bem sei que, muitas vezes, se procura evitar essa alternativa, igualmente criminosa, elegendo-se o acaso como juiz. Mas, então, não é isto, de uma outra forma, voltar ao que se chamava julgamento de Deus, da Idade Média? E ainda naquela época éramos infinitamente

menos culpados. Até mesmo a denominação, julgamento de Deus, indicava uma fé, ingênua, é bem verdade, mas enfim uma fé na justiça de Deus, que não podia deixar morrer um inocente, enquanto, num duelo, tudo se lança à força bruta, de tal maneira que o ofendido é quem geralmente morre.

Estúpido amor-próprio, tola vaidade e louco orgulho! Quando os trocareis pela caridade cristã, pelo amor ao próximo e a humildade, das quais o Cristo deu o exemplo e o ensino? Somente então desaparecerão esses costumes monstruosos que ainda governam os homens e que as leis são impotentes para reprimir, pois não basta impedir o mal e exigir o bem; é preciso que o princípio do bem e do horror ao mal estejam gravados no coração do homem.

Francisco Xavier - Bordeaux, 1861

14. Que opinião terão de mim, dizeis freqüentemente, se recuso a tirar satisfação que me é cobrada, ou se não a exigir daquele que me ofendeu? Os loucos, como vós, os homens atrasados, vos censurarão, mas os que são esclarecidos pela chama do progresso intelectual e moral dirão que agistes com verdadeira sabedoria. Refleti um pouco: por uma palavra muitas vezes dita sem querer, ou até mesmo inofensiva, da parte de um dos vossos irmãos, o vosso orgulho já fica machucado, vós lhe respondeis de uma maneira agressiva e acontece a provocação. Antes de chegar ao momento decisivo, perguntai-vos se agistes como cristão? Que contas prestareis à sociedade se a eliminais de um de seus membros? Pensai no remorso de ter tirado o marido a uma mulher, um filho à sua mãe, às crianças o seu pai e com ele o sustento delas? Certamente aquele que fez a ofensa deve uma satisfação. Mas não é mais honroso para ele dá-la espontaneamente, reconhecendo seus erros, do que arriscar a vida daquele que tem o direito de se queixar? Quanto ao ofendido, concordo que, algumas vezes, pode se encontrar gravemente atingido, seja em sua pessoa, seja em relação àqueles que lhe são caros. Não é somente o amor-próprio que está em questão. O coração está também ferido e sofrendo, mas, além de ser estupidez jogar sua vida contra um miserável, capaz de infâmias, mesmo que morto o infamante, deixará, por isto, a afronta de existir? Não é certo que o sangue derramado produzirá mais barulho sobre um fato que, se for falso, deve esquecer-se por si mesmo e que, se for verdadeiro, deve se esconder no silêncio? Resta-lhe, portanto, a satisfação da vingança executada, nada mais. Triste satisfação que, freqüentemente, já nesta vida deixa insupportáveis remorsos! E se o ofendido morre, onde estará a reparação?

Quando a caridade for a regra de conduta dos homens, eles deverão ajustar seus atos e palavras ao ensinamento de Jesus: *Não façais aos outros o que não quereis que vos fizessem*. Aí, então, desaparecerão todas as causas de desavenças e, com elas, os duelos e também as guerras, que não passam de duelos entre povos!

Agostinho - Bordeaux, 1861

15 O homem do mundo, o homem feliz, que por uma palavra ofensiva, um motivo insignificante, arrisca a vida que recebeu de Deus, e arrisca a vida de seu semelhante que pertence a Deus, é cem vezes mais culpado do que o miserável que, empurrado pela cobiça, algumas vezes pela necessidade, se introduz em uma casa para roubar e mata aqueles que tentam impedi-lo. Esse último é quase sempre um homem sem educação, que tem apenas noções imperfeitas do bem e do mal, enquanto o duelista pertence sempre à classe mais esclarecida. Um mata brutalmente; o outro, com método e regras definidas, o que faz com que a sociedade o desculpe. Acrescento ainda que o duelista é infinitamente mais culpado que o infeliz que, levado por um sentimento de vingança, mata num momento de desespero. O duelista não tem de modo algum como desculpa o sentimento da violenta emoção, pois que, entre o insulto e a reparação, existe sempre um tempo para se refletir. Ele age, portanto, fria e planejadamente. Tudo é calculado e estudado para matar com mais segurança seu adversário. É bem verdade que ele arrisca sua vida, e é isso o que justifica o duelo aos olhos do mundo, porque vêem nele um ato de coragem e de desprezo pela própria vida. Mas existirá verdadeira coragem quando se está seguro de si? O duelo data dos tempos selvagens, quando o direito do mais forte era a lei. Ele desaparecerá com uma análise mais criteriosa e justa do que é o verdadeiro ponto de honra e à medida que o homem tiver uma fé mais viva na vida futura.

16 *Nota:* Os duelos tornaram-se cada vez mais raros e se ainda vemos de vez em quando alguns dolorosos exemplos, o seu número não é mais comparável ao que foi no passado. Antigamente, um homem não saía de casa sem prever um confronto e conseqüentemente sempre tomava suas precauções. Um sinal característico dos costumes daqueles tempos e dos povos era o uso do porte habitual, de forma visível ou não, das armas defensivas e de ataque. A abolição desse uso já testemunha o abrandamento dos costumes e é curioso seguir-se a escala, desde a época em que os cavaleiros somente cavalgavam com armaduras de ferro e armados de lança até o uso simples da espada, tornada mais tarde apenas um enfeite, um acessório de nobreza e não uma arma agressiva. Uma outra característica do abrandamento dos costumes é que, antigamente, os combates pessoais aconteciam em plena rua, diante da multidão que se afastava para deixar o campo livre, e, hoje, se ocultam. Hoje, a morte de um homem é um acontecimento que provoca emoção, enquanto, antigamente, ninguém lhe dava atenção. O Espiritismo apagará esses últimos vestígios de selvageria, colocando na mente dos homens o espírito de caridade e de fraternidade.